

Show de talento em Porto de Santana

Morador diverte o bairro vestido de nega maluca e palhaço. Ele também faz mágica e malabarismo



FOTOS: MARCELO ANDRADE/AT

Edson Viana caracterizado da personagem Nega Flor Capixaba em praça de Porto de Santana

Os cabelos são cacheados para cima, a roupa é verde e o batom, vermelho. Não tem quem não olhe quando o artista Edson Viana, 44, passa pela praça de Porto de Santana, em Cariacica. Ele chama a atenção, brinca, e distribui beijos vestido de Nega Flor Capixaba, uma de suas personagens.

Entre os mais conhecidos estão a tradicional nega maluca e o palhaço Remendão, que já fizeram sucesso nos seus shows no Espírito Santo e em São Paulo. Além disso, Edinho, como é conhecido, também faz shows de estátua viva, palhaço, mágico e equilibrista.

“Comecei a trabalhar como palhaço, aos 14 anos de idade, e desde então é essa a minha profissão”, disse ele, que nasceu em Porto de Santana.

E quando o assunto é talento, a família se une. “Desde criança, meu irmão teve o dom de fazer palhaçada. A nossa família é da Igreja Batista do bairro e a gente sempre fazia teatros. Somos em 11 irmãos”, disse Arlete Viana da Silva, 46, irmã de Edinho.

Há 15 anos, ele decidiu tentar a vida em São Paulo e permaneceu lá até o começo deste ano, quando voltou para Porto de Santana. Apesar de ficar 15 anos fora, Edinho contou que nunca deixou de visitar o bairro. E, quando vinha, se apresentava na praça, à noite.

“Fiz umas mil apresentações em escolas, antes de ir para São Paulo, e formei o grupo de teatro Performance, que pretendo ativar novamente, agora que eu voltei”, afirmou.

O pastor Gremias Neves da Costa, 58, assistiu à apresentação da nega maluca, ontem, e deu boas gargalhadas. “Toda forma de cultura e lazer para o bairro é importante. Temos que resgatar esses talentos”, disse.

O vice-presidente da Associação de Moradores de Porto de Santana, Josemar Rodrigues da Silva, destacou que o bairro precisa de arte e pretende negociar com Edinho uma retomada nos trabalhos culturais.

HISTÓRIA DO BAIRRO

- Antes de virar bairro, Porto de Santana, em Cariacica, era uma fazenda chamada Guaiamum, onde funcionava o matadouro da Prefeitura de Vitória.
- Na época, a região era uma ilha. Para chegar até lá, só de lancha, que partia de Santo Antônio em direção à Ilha dos Veados, que ficava próximo e era propriedade de Álvaro Porto. Em seguida, parava onde é a ponte de Vila Oásis.
- Em 1953, a Vale do Rio Doce chegou ao bairro, atraindo muitos trabalhadores que invadiram a região.
- O nome foi dado à região por causa de um bairro próximo conhecido como Santana de Cima. Como já havia outro bairro de Cariacica chamado Santana, colocaram o Porto em homenagem a Aurélio Porto, que morava no local.

Fonte: Moradores de Porto de Santana.

RECORDAÇÕES

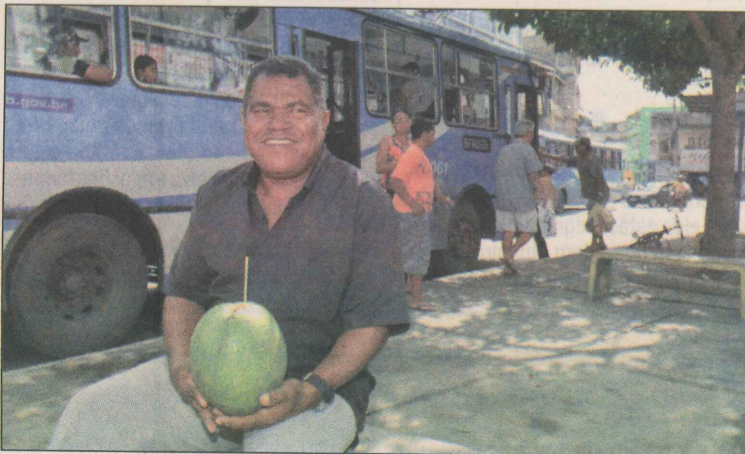


MATADOURO – O aposentado Geraldo Fernandes Miranda, 75, disse ontem que foi um dos primeiros moradores de Porto de Santana, Cariacica.

“Cheguei aqui há 55 anos. Vim com a Companhia Vale do Rio Doce de Minas Gerais para trabalhar na pedreira. Na época, só existiam o matadouro da Prefeitura de Vitória e mangue”, comen-

tou, acrescentando que os bois abatidos eram levados de barco até Santo Antônio, em Vitória.

Geraldo afirmou que lutou para a instalação de água e luz no bairro, além de ajudar a entregar escrituras para os moradores. “A região só começou a se desenvolver, quando a Vale resolveu fazer aterros e construir estradas”, ressaltou.



MANGUE – Morador de Porto de Santana há 40 anos, o pastor João Batista Arariba, 45, disse que chegou ao bairro quando não existiam ruas.

“Onde hoje é a praça principal, passavam os bois em direção ao matadouro. Só tinha um casa por aqui e o resto era coberto por tabuas, que são matos usados para fazer esteiras. Nem so-

nhava em ter asfalto por aqui. Era uma região de brejo e mangue”, lembrou.

Ele contou que a família veio de Colatina para morar na região e invadiu a área, como todos os moradores na época, e só depois conseguiu a escritura. “O bairro só foi se desenvolver com comércio, asfalto e energia depois da década de 70”, disse.